

A FEBRE AMARELLA NO RIO

Segundo uma comunicação do Dr. Clementino Fraga, Director Geral de Saude Publica do Brasil, desde a segunda quinzena de setembro do anno 1929 até o 9 de abril de 1930 não tem occorrido caso de febre amarella na cidade de Rio de Janeiro. A quadra estacional do verão, de 21 de dezembro a 21 de março, foi atravessada sem registrar nenhum caso da doença mesmo suspeito. Passada portanto a epocha perigosa pela alta constante da temperatura, e, accrescendo que tem-se mantido sempre o indice culicidiano sempre abaixo de 2, (semanalmente verificada, a cifra tem sido de 1 ou fracção de 1), tudo autorisa a dar por afastada a probabilidade de verificar-se de novo a febre amarella nessa cidade, ou em Nietheroy, onde são eguaes os resultados da aggressão prophylactica. Outrosim no sector norte da campanha os serviços correm com regularidade, sendo cada dia menos provavel qualquer surto epidemico da molestia. Em todo o norte do Brasil ha cerca de oito mezes não se verifica a doença. O ultimo caso deu-se a 27 de julho de 1929, em Recife, Estado de Pernambuco. Os serviços de prophylaxia continuarão entretanto dentro das mesmas normas de combate antilarvario para assegurar uma situação tranquilla, como convém aos altos interesses defendidos e á responsabilidade technica. (Os unicos casos communicados no Brasil desde o mez de setembro são os observados na Villa Mage, do interior do Estado de Rio de Janeiro, na semana terminada a 20 de abril de 1930.)

A CHOLERA ASIATICA E A EMIGRAÇÃO JAPONEZA PARA O BRASIL

Pelo Dr. EDGARD DE CERQUIERA FALÇÃO

Ex-Sub-Inspector da Saude do Porto de Santos

Em artigo publicado no *Brasil Medico*, de julho, 7, 1928, sob a epigrapha "Pode a cholera-morbo se propagar da Asia ao Brasil, por meio da emigração japoneza?," depois de relatar os factos occorridos a bordo do *Hawaii Maru*, em abril de 1928, isto é, a irrupção da cholera entre os emigrantes nipponicos que se destinavam ao Brasil, ao sahir aquelle vapor de Singapura, tive ensejo de recordar alguns pontos da epidemiologia do temivel mal asiatico, salientando o preponderante papel desempenhado pelos porta-bacillos na disseminação do morbo, especialmente na sua vehiculação dos fòcos para zonas indemnes afastadas. Estabelecendo paralelo entre a febre typhoide e a cholera, recapitulei os typos de porta-germens

nestas duas infecções, mostrando que, emquanto na primeira ha individuos que se eternizam na funcção de eliminadores do bacillo de Eberth-Gaffky na segunda a evacuação de vibríões de Koch é sempre temporaria, durando, em média, duas semanas e, em casos exceptionaes, até sete semanas. Analysando, em seguida, as condições da viagem do Japão ao Brasil, frizei a circumstancia dos navios japonezes gastarem aproximadamente dois mezes na travessia de Kobe a Santos, prazo sufficiente para dar-se a esterilização natural do intestino em caso de embarque de algum porta-bacillos. Desta forma, conclui pela não probabilidade de importação da cholera por intermedio da corrente emigratoria nipponica, trazando em abono da minha conclusão o facto de desembarcarem mensalmente aqui em Santos, ha muitos annos já, centenas e milhares de individuos oriundos de pontos diversos do Imperio do Sol Nascente, e a doença nunca ter ingressado com elles em nossas plagas.

Ligando todavia a occorrenca do *Hawaii Maru* á penetração a bordo de algum bacteriophoro choleric, embarcado neste estado no Japão, alvitrei então ás auctoridades sanitarias brasileiras que, como medida de segurança extrema, se estabelecesse certa vigilancia, a cargo de nosso consulado. Cifrar-se-ia ella no seguinte: não ser consentido o embarque de individuos provenientes de cidades ou aldeias onde grasse a cholera, sinão depois de um estagio de dois mezes, pelo menos, num ponto indemne, e, em caso do porto de embarque, Kobe, estar sob o dominio desta infecção, suspender-se temporariamente a emigração, só permitindo seu restabelecimento dois mezes após a cessação completa do flagello. De passagem devo dizer que a contaminação do *Hawaii Maru* se deu em Saigon, porto indo-chim, então inquinado pelo morbo em apreço, no qual escalou aquelle vapor. Tive conhecimento deste pormenor quasi um anno depois de ter escripto meu artigo, isto é, em maio de 1929, pela leitura de um extracto do *Brasil Medico*, de junho 4, 1929, pag. 506, onde vem referido um trabalho de J. C. Tull, medico de Singapura, o qual estudou a epidemia do *Hawaii Maru* e publicou seus resultados no *Malayan Med. Journal*, julho 1928, set. n.º 3. A doença foi levada para bordo por alguns passageiros que haviam tido permissão de ir á terra em Saigon.

As minhas considerações atravessaram os mares e foram despertar a attenção das auctoridades sanitarias japonezas, respondendo-me Yasuzo Iimura, pelas columnas do *Journal of Public Health Association of Japan*, fev. 8, 1929. No BOLETÍN DE LA OFICINA SANITARIA PANAMERICANA, janeiro de 1930, acha-se inserto um resumo do trabalho de Iimura. Não me foi possivel infelizmente obter o original. Affirma aquelle auctor:

En el Japón someten a todos los contactos de los coléricos a un examen fecal y aplican en gran escala la vacunación preventiva. Además, los emigrantes son

detenidos por 7 días antes de su partida y de existir una epidemia de cólera, les examinan las heces más de dos veces, habiendo, por lo tanto, pocas probabilidades de que un portador pueda llegar a bordo.

Reconhecendo embora a efficiencia do aparelhamento sanitario nipponico, cujas medidas prophylacticas anti-cholericas se coadunam com as convenções internacionaes, julgo, entretanto, que o alvitre lembrado por mim tem sua razão de ser, como passo a justificar. Endemica no Indostão, na região chamada de *Delta do Ganges*, a cholera-morbo costuma periodicamente fazer incursões epidemicas em outros pontos do continente asiatico, assolando por etapas os paizes visinhos. O Japão, a despeito das barreiras que sua defeza sanitaria oppõe, não consegue livrar-se dessas incommodas visitas. Quando para lá se dirigia, em 1920, nosso eminente conterraneo Arthur Neiva, Kobe pagava tributo a uma grande epidemia daquella doença. A bordo do *Tossa Maru*, em data de agosto 25, 1920, escrevia Neiva¹ no seu diario:

Referiu-me o medico que, de junho até a ultima informação recebida pela agencia da Companhia em Singapura, deram-se mil e muitos casos de cholera em varias cidades do Japão; accrescentando que os japonezes soffrem incursões dessa doença quasi annualmente proveniente da China e das Indias.

Desembarcado dias depois nas terras do Sol Nascente, nosso sabio patricio presenciou a lucta titanica desenvolvida pelos nippões contra o mortifero mal, a qual terminou pela jugulação completa do flagello, em prazo relativamente curto. Eis suas palavras textuaes:

Duvido que em outro qualquer paiz possuindo população e edificação nas condições de Kobe, se pudesse conseguir mais. Hamburgo teve que tomar medidas extremamente energicas e, assim mesmo, o cholera-morbus offereceu grande resistencia. Lembro-me ainda da transformação que os allemães levaram a cabo na parte velha de Hamburgo. Posso accrescentar que o mal conseguiu contaminar duas ou tres outras cidades porem foi completamente jugulado ao cabo de alguns mezes. Quando deixei o Japão, não existia mais caso nenhum de cholera-morbus; a epidemia fôra extincta e a hygiene daquelle paiz registrava sem alarde, mais uma victoria.

Confirmando as palavras do medico do *Tosa Maru*, esse phenomeno se repetiu nos dois ultimos annos, segundo estou informado e passo a documentar. Na secção "Correspondencia do Japão," datada de outubro 20, 1928, e publicada no *Journal of the American Medical Association*, de novembro 17, 1928, pag. 1562, sob a epigraphe "Cholera" encontra-se consignado o episodio a que me refiro, relativo ao anno de 1928, cuja descripção transcrevo no original:

In spite of all the precautions against the invasion of cholera made by the authorities and people of this country, the chief mate of an English cargo steamer was found to be ill with the disease, September 28. The steamer had touched at Shanghai on her way from London to Kobe. He remained in Kobe, at the time of the ship's departure, and shortly afterward was found to have cholera. The Kobe

¹ Neiva, A.: Scien. Med. 1: 136 (sbro.) 1923.

authorities, therefore, immediately wired the news to the Yokohama quarantine station, the ship's next port of call, and at the same time vaccinated about 15,000 people in the port against a possible epidemic. The steamer was isolated outside the harbor of Yokohama and disinfected. September 30, the captain of the ship also developed cholera, and on the next day an English ship carpenter and two Chinese cooks on board became ill with the disease. Later a case was reported in Osaka, another in Tokyo, and five in Kobe. The Osaka patient and three of the Kobe patients died, October 3.

Igualmente na secção "Correspondencia do Japão," datada de outubro 1, 1929, e publicada na mesma revista de novembro 2, 1929, pag. 1398, sob o título "Epidemic of Cholera" vem narrado o modo pelo qual a infecção conseguiu invadir o territorio nipponico, em 1929. Reproduzo tambem no original essa descripção:

A Chinese member of the crew of a Norwegian steamer was found to have cholera in the Yokohama quarantine station, July 7. It was at the time when the metropolitan police were planning to take precautions against the epidemic in China, where more than 200 new cases daily were being reported in Shanghai. A passenger on the *Tairen Maru*, which had touched at Shanghai, was found to have cholera at Tairen, South Manchuria, July 9. The authorities there disinfected the steamer but not before more than 400 passengers had dispersed. A fireman of the *Texas* was found to have cholera in Nagasaki, July 12, and all sea-bathing places were closed. A freight handler on a canal boat in Osaka died of a sudden illness, July 16, which was probably cholera. The Osaka authorities prepared 25,000 tubes of vaccine for prophylaxis against the disease. The health bureau in Tokyo took precautions against its invasion into the capital.

Não obstante a actividade com que a hygiene japoneza se pôz em guarda a cholera continuou sua acção, contaminando varias cidades, das quaes Osaka lhe rendeu maior tributo. Salteadamente os casos se foram reproduzindo e a 10 de setembro o Ministerio do Interior publicou uma relação total de 109 acommetidos em todo o Imperio.

Diante da exposição que acabo de fazer, verifica-se que, embora dispendam grande esforço, os sanitaristas orientaes não conseguem impedir que a cholera invada periodicamente as plagas do seu paiz. Tal phenomeno vem demonstrar a insufficiencia, em certas circumstancias, das medidas que Iimura diz serem postas em execução lá, das quaes a principal é o exame systematico das fézes dos contactos com cholericos, feito repetidas vezes. Semelhante fallibilidade decorre de poder cessar a evacuação de vibriões e tornar a reaparecer no fim de algum tempo, como affirmam Ruffer e Crendiropoulo:²

Quelque fois, après la disparition des vibrions pendant plusieurs jours, un écart de régime ou l'administration d'un purgatif salin provoque une nouvelle poussée de vibrions dans les selles (Zirolia) et même une attaque de choléra (Serrati).

Si as coproculturas forem feitas neste periodo, resultarão negativas, e o contagiante, com livre transito, irá infectar outros individuos. No

² Ruffer et Crendiropoulo: "Le Choléra," em *Nouveau Traité de Médecine* de Roger, Vidal et Teissier, 111: 348 (1^a ed.).

mesmo artigo de Ruffer e Crendiropoulo encontra-se um exemplo desta ordem, o qual transcrevo textualmente:

En 1916, il y a eu quelques cas de choléra parmi les convalescents d'une formation militaire à Alexandrie. Plusieurs de ceux-ci arrivaient de Mésopotamie, ou le choléra sévissait alors, et n'ont été reçus qu'après plusieurs examens de leurs selles. Malgré toutes ces précautions le choléra a éclaté, et l'on a pu déceler soixante porteurs de vibrions paracholériques.

Justificada se acha, portanto, minha proposta do estagio de dois mezes, em ponto indemne, dos individuos procedentes de regiões onde grasse a cholera, e da suspensão temporaria da emigração quando o porto de embarque, Kobe, estiver assolado pelo mal, só se devendo permittir seu restabelecimento dois mezes após a cessação completa do flagello. Tal pratica poderá prejudicar interesses commerciaes, mas supprimirá por completo, a meu ver, as poucas probabilidades, reconhecidas por Iimura, de penetrarem a bordo porta-bacillos. A presença destes entre os emigrantes determinaria infallivelmente a explosão da doença em viagem, o que seria de consequencias muito desagradaveis.

Antes de terminar estas notas, quero referir-me a outra medida que julgo complementar da minha proposta retro. Dada a facilidade de contaminação dos navios nos portos infeccionados pela cholera, como provam os exemplos do *Hawaii Maru*, em Saigon, e do *Tairen Maru* e do cargueiro inglez em Shanghai, citados neste artigo linhas atraz, penso que se deve ordenar outrosim a suppressão temporaria de escala, de portos em tal estado, até que as suas condições sanitarias não offereçam mais perigo ás embarcações em transito. As vantagens das precauções por mim indicadas são palpaveis e não se torna mistér encarecel-as. Apenas chamo para ellas a atenção das auctoridades encarregadas da salvaguarda de nosso paiz da invasão de molestias pestilenciaes exóticas.

A Hygiene Mental no Brasil

A hygiene mental nasceu nos Estados Unidos em 1908, quando se fundou em Connecticut, sob a inspiração de Clifford Beers, a primeira sociedade destinada especialmente a tratar de prophylaxia das doenças mentaes e a prégar a necessidade de higienização do espirito³. Dois annos antes, porém, já em 1906, Juliano Moreira, o grande mestre de psychiatria brasileira, em carta enviada do Egypto aos *Archivos Brasileiros de Psychiatria*, previa a época da hygiene prophylactica no dominio desta especialidade. Dez annos mais tarde, em 1916, Ernani Lopes, que fôra como delegado do Brasil ao Congresso de Medicina Social de Tucuman, na Argentina, defende, pela primeira vez, na America do Sul, em um trabalho sobre o "Tratamento dos doentes mentaes agudos nos hospitaes comuns" a necessidade de assistir certos psychopathas curaveis sem os internar em manicomios propriamente ditos. Em dezembro do mesmo anno (1916), comparecendo ao 1º Congresso Medico Paulista, o illustre psychiatra apresentava outro trabalho intitulado "Nota sobre Prophylaxia das Doenças Mentaes." Afóra estes trabalhos, poucos outros appareceram, referentes á prophylaxia e á hygiene

³ Caldas, M.: Arch. Bras. Hyg. Men. 3: 69 (mar.) 1930.